

## POR UMA CARTOGRAFIA DO CONHECER, DA CIRCULAÇÃO E DA PARTILHA ÉTICA DA ESTÉTICA: TRAVESSIAS EM CORDEL SOBRE AS IDEOGRAFIAS CONTEMPORÂNEAS

### TOWARDS A CARTOGRAPHY OF KNOWING, CIRCULATION, AND THE ETHICAL SHARING OF AESTHETICS: CORDEL JOURNEYS ON CONTEMPORARY IDEOGRAPHIES

### POR UNA CARTOGRAFIA DE LE CONOCER, DE LA CIRCULACION Y DE LE COMPARTIR ÉTICA Y DE LA ESTÉTICA: TRAVESÍAS EN CORDEL SOBRE LAS IDEOGRAFÍAS CONTEMPORÂNEAS

Solange Maria de Souza Moura<sup>1</sup>  
Evanilda Teles dos Santos Pedrosa<sup>2</sup>  
Nádia Pires Alves<sup>3</sup>  
Patricia de Almeida Gomes<sup>4</sup>  
Ana Patricia Falcão de Oliveira<sup>5</sup>  
Monica Menezes Coutinho<sup>6</sup>  
Catiane Rocha Passos de Souza<sup>7</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é refletir sobre os sistemas de representação do conhecimento, a partir do imbricamento entre o conhecer, a circulação e a partilha ética da estética das ideografias contemporâneas. São reflexões críticas que buscam se movimentar contra-hegemonicamente um viver algorítmico de manipulação, vigilância e mercado que nos afeta cotidianamente. A investigação é uma abordagem qualitativa, ancorada nas bases da pesquisa-formação (auto) biográfica (Josso, 2004) e da cartografia (Rolnik, 2014). O estudo de imersão ocorreu no componente curricular Sistemas de Representação do Conhecimento, semestre 2025.2, do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC), no qual um coletivo de sete doutorandas/pesquisadoras assumiu a modelagem do seminário final como síntese do itinerário formativo desenhado no planejamento metodológico da disciplina. Caminhamos em atos, posicionando o Cordel como dispositivo de transdução (Burnham (2012), que expressa uma síntese cognitiva desse itinerário e torna mais fluida a navegação pelas ideografias em um contexto de linguagem acadêmica. O estudo aponta para a necessária indissociabilidade entre política, ética e cognição no fazer que nos institui, enquanto sujeitos, sobre as ideografias contemporâneas.

**Palavras-chave:** Sistemas de representação do conhecimento. Cartografia. Ideografias contemporâneas. Circulação e partilha de saberes. Cordel.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC-IFBA).

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC-IFBA).

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC-UFBA).

<sup>4</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC-UFBA).

<sup>5</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC-IFBA).

<sup>6</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC-UNEB).

<sup>7</sup> Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA), docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Estado da Bahia (IFBA) – Campus Salvador e líder do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Processos Sociais (GPEC –IFBA).

**ABSTRACT<sup>8</sup>:** This article aims to reflect on knowledge representation systems through the intertwining of knowing, circulation, and the ethical sharing of the aesthetics of contemporary ideographies. These critical reflections seek to move counter-hegemonically against an algorithmic existence dominated by manipulation, surveillance, and market dynamics that affect our daily lives. In this sense, we propose a cartographic modeling rooted in the epistemological foundations of formative and (auto)biographical research by bringing forth the authors' journeys. The immersion study took place within the course unit "Knowledge Representation Systems" during the 2025.2 academic term of the Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC), in which we were tasked with synthesizing the complexity of a formative itinerary outlined in the course's methodological planning. Proceeding through active practice, we position Cordel literature as a device to facilitate a more fluid navigation through ideographies within an academic context. Ultimately, the study highlights the essential inseparability of politics, ethics, and cognition in the practice that establishes us, as subjects, engaging with contemporary ideographies.

**Keywords:** Knowledge representation systems. Cartography. Contemporary ideographies. Circulation and sharing of knowledge. Cordel.

**RESUMEN:** El objetivo de este artículo es reflexionar sobre los sistemas de representación del conocimiento, a partir de la imbricación entre el conocer, la circulación y la distribución ética de la estética de las ideografías contemporáneas. Son reflexiones críticas que buscan posicionarse de forma contrahegemónica frente a un vivir algorítmico de manipulación, vigilancia y mercado que nos afecta cotidianamente. La investigación adopta un enfoque cualitativo, anclado en las bases de la investigación-formación (auto)biográfica (Josso, 2004) y de la cartografía (Rolnik, 2014). El estudio de inmersión tuvo lugar en el componente curricular Sistemas de Representación del Conocimiento, semestre 2025.2, del Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC), en el cual un colectivo de siete doctorandas/investigadoras asumió la modelización del seminario final como síntesis del itinerario formativo trazado en la planificación metodológica de la asignatura. Avanzamos en actos, posicionando el *Cordel* como un dispositivo de transducción (Burnham, 2012) que expresa una síntesis cognitiva de dicho itinerario y hace más fluida la navegación a través de las ideografías en un contexto de lenguaje académico. El estudio señala la necesaria indisociabilidad entre política, ética y cognición en el quehacer que nos constituye, en tanto sujetos, sobre las ideografías contemporáneas.

**Palabras clave:** Sistemas de representación del conocimiento. Cartografía. Ideografías contemporáneas. Circulación y compartición de saberes. Cordel.

## INTRODUÇÃO

Há alguns momentos na história que podem ser considerados como revolução semiótica - a transição da tradição oral para a escrita, a invenção da prensa por Gutenberg, as ideografias dinâmicas, entre outras, que, além de modificar e complexificar toda uma forma de organização

---

<sup>8</sup> O Gemini, ferramenta de Inteligência Artificial Generativa, foi utilizado como recurso de apoio para a tradução do resumo e das palavras-chave para a língua inglesa.

social, afetam o pensar, o simbolizar e, por conseguinte, a consciência e o comportamento humano.

Partimos do pressuposto de que a Literatura de Cordel nasce para ser ouvida, dentro da cultura de tradição na oralidade e na *performance*. Em nosso trabalho, lançamos mão desse gênero literário para trazer as nossas reflexões, provocadas nos estudos sobre os sistemas de representação do conhecimento, que envolveram o olhar crítico sobre as ideografias contemporâneas<sup>9</sup> em seus fundamentos, modos de circulação, relações de poder e implicações sociais.

Construímos nosso caminho na poética para fazer ressoar a proposição de investigação das ideografias. A proposta de uma itinerância formativa, assim denominada nesta investigação, partiu da análise histórico-conceitual das formas de notação e representação do conhecimento, compreendidas como sistemas complexos de representação de ideias, dividida em três grandes blocos que se relacionam: construção, difusão e socialização do conhecimento, os quais foram refletidos e debatidos, respectivamente, na gênese, circulação e hegemonia das ideografias.

Dispomos as nossas vozes como instrumentos em rimas consoantes de versos pares e cadenciados com a plasticidade da linguagem não verbal para apresentar os conceitos e relações que moldam o pensamento e a cultura. Como a fala impressa de um povo suspensa em barbantes, apresentamos um cordel da realidade percebida sobre poder, ética e transformações sociais provocadas por tríade e díades, as quais citamos: (1) consciência, inteligência e aprendizagem; (2) linguagem e saberes; e (3) ideografias dinâmicas e sociointeracionismo.

Recorremos à ciência rimada na tentativa de abordar os seguintes tópicos: as ideografias e sua evolução histórica, da escrita cuneiforme às linguagens de programação; a estrutura das ideografias contemporâneas, com ênfase nos sistemas computacionais, a partir de sua sintaxe, semântica e pragmática; o modo como as ideografias digitais e algorítmicas reconfiguram os processos de difusão e validação do conhecimento; e, por último, as

---

<sup>9</sup> Ao tratarmos de ideografias contemporâneas situamo-las nos passos alçados entre os séculos XX e XXI, intrinsecamente interativas ao mediar processos de abstração e do pensamento na era da informática. Para além do sistema de escrita com sinais, que utiliza suportes estáticos na comunicação de uma ideia, nos referimos aos conceitos sobre Ideografias Dinâmicas propostos por Pierre Lévy (1998). Sobretudo, ao posicioná-las como linguagem e tecnologia intelectual, na sua interface com o sistema cognitivo humano, visto que o autor destaca o “papel central da imaginação no funcionamento da inteligência humana” (Lévy, 1998, p. 19).

consequências socioculturais da hegemonia das ideografias computacionais, abordando questões de poder, ética e as transformações do humano.

Para deslindar a complexidade da investigação proposta, encontramos nas rimas populares as possibilidades de articular conceitos acadêmicos da semiótica, da cibernética, da filosofia e da tecnologia. O cordel, com sua linguagem popular, sintetiza o itinerário percorrido no componente curricular Sistemas de Representação do Conhecimento, semestre 2025.2, do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC), com intenção de agregar outros saberes ao dialeto acadêmico e de utilizar o coloquialismo para costurar a simplicidade e a essência das nossas reflexões.

Na imersão cordelista, em que a métrica não é quebrada, o escopo deste artigo foi dividido em duas seções. A primeira seção é apresentada em seis (6) atos: (1) Prólogo - Os caminhos do saber e a cena (I.I) - Puxando os Fios de uma Cartografias dos Saberes; (2) Onde nasce o conhecer, a mente, o signo e a travessia; (3) A grande circulação, quando o saber vira mundo; (4) A era do código vivo - o humano em reconfiguração; (5) Epílogo - As confluências das tradições e do futuro; e (6) Posfácio - A pergunta que cutuca o pensar, geradora de um texto colaborativo. A segunda seção traz a nossa travessia metodológica apoiada na pesquisa-formação (Josso, 2004), da qual apropriamos o dispositivo de histórias de vida de caráter (auto)biográfico, para constituir os relatos do vivido por nós, pesquisadoras, durante o processo de estudo aqui cartografado e que estão empregnados de nossas itinerâncias pessoal, acadêmica e profissional.

A cartografia dessa itinerância, compreendida aqui a partir de Suely Ronilk (2014) entendendo-a como método de acompanhamento de processos, fluxos e movimentos de subjetivação, e não como mapeamento estático, ganha corpo cênico poético nos Atos I, II e III, nos quais os conceitos dos três blocos teóricos da disciplina são antropofagicamente transduzidos para a poética do cordel, culminando na reflexão metodológica detalhada na seção intitulada Travessia.

Os desenhos que traçam essa cartografia evocam na partilha uma “ética da estética”. Um conceito de Michel Maffesoli (1996), que diz respeito a um fazer juntos, um respirar coletivo, que se constitui em emoções partilhadas e vivenciadas em comum. Nesse sentido, tal partilha se encontra com a inteligência coletiva apresentada por Pierre Levy (1998, 2010), enquanto espaço antropológico e de saber, articulado com a abordagem “Política de Civilização” de Edgar Morin (2002), que se refere ao pensamento complexo, à religação de diferentes saberes e à

solidariedade.

Ao mesmo tempo, reconhecemos com Jacques Rancière (2009) a estética como um regime de experiência sensível inseparável da arte e da política - na “partilha do sensível”, que reconfigura os espaços de poder e quem pode ou não tomar parte.

Nesse sentido, o leitor que também é coautor, por ser parte da rede e por compor conosco o fenômeno da inteligência coletiva, pode deixar-se levar pelas encruzilhadas de rimas da nossa investigação. E se os caminhos do saber, trilhados nesta cartografia, não bastarem para lhe tocar a mente, não se aflija: ao menos um reflexo destas interpretações o seu coração há de perceber e você fará, assim como nós, uma viagem transcultural nos fios do cordel<sup>10</sup>.

## I. PRÓLOGO - OS CAMINHOS DO SABER

Da Consciência ao Código do Viver,  
Nasce o cordel que venho aqui versejar;  
Com Túlio, Damião e Karan  
Nesta encruzilhada a nos provocar.

Ainda crianças neste vasto mundo doutoral,  
Somos errantes, vagantes, caminantes,  
Ora pesquisadores no saber ancestral.  
E assim, em rima e cadência,  
Vamos a trama apresentar:  
As análises basilares  
Dessa complexa arte de conhecer e significar.

Sete mulheres, cada qual em sua verdade a florescer,  
Tecem juntas essa grande teia do saber  
Que só cresce ao entreter:  
Mônica, Solange, Patrícia,  
Nádia, Cíntia, Evanilda e Ana Falcão  
Fazendo da ciência um canto,  
De ensinamentos e encantos,  
Ouçam com atenção os versos deste canto.

---

<sup>10</sup> Os versos de cordel neste trabalho foram produzidos durante o estudo do qual resulta este artigo, com a autoria de Evanilda Teles dos Santos Pedrosa em colaboração das demais autoras doutorandas que participaram na concepção de roteiro, argumento e ajustes. O gênero cordel foi escolha das discentes para a construção e apresentação de seminário acadêmico. Ver mais detalhes na introdução e na metodologia.

## 1.1 Puxando fios de uma cartografia dos saberes

A proposta de uma cartografia do conhecer desloca o saber de uma lógica linear, cumulativa e hierarquizada para um campo processual, relacional e imanente. Inspirada na filosofia de Deleuze e Guattari (1995) e Rolnik (2014), a cartografia não busca representar um objeto fixo, mas acompanhar movimentos, forças e variações do pensamento em ato. Conforme afirmam os autores, “o mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões; é desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 22). Nessa perspectiva, conhecer não significa reproduzir verdades dadas, mas produzir sentidos situados, atravessados por contextos históricos, afetivos e políticos.

Essa concepção articula-se à compreensão do conhecer como um processo vivo, tal como formulado por Maturana e Varela (2001), para quem todo ato cognitivo é inseparável do viver. Segundo os autores, “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” (Maturana; Varela, 2001, p. 32), o que implica reconhecer o caráter ético do conhecimento desde sua gênese. O saber, portanto, não circula de modo neutro, pois está sempre implicado em relações de poder, linguagem e legitimidade.

Evidenciamos, na circulação do saber e no processo de conhecer a dimensão estética, enquanto pensamento do sensível, que compreende uma relação intrínseca entre ética, estética e política, cujos fios buscamos puxar no diálogo, sobretudo, com Michel Maffesoli (1996) e Jacques Rancière (2009). Com Maffesoli, compreendemos a estética a partir da emoção e do afeto partilhados, que fundamenta o vínculo social e a ética do estar junto. Já com Rancière, acionamos a estética em sua força política por meio da “partilha do sensível”, um ato de redistribuição de lugares, vozes e capacidades no mundo comum.

Ao concordarmos com a inseparabilidade entre o processo de conhecer, o fazer e a vida, conectamos o conhecimento com o estado do mundo, o que significa não criar fossos entre reflexão e realidade empírica. Isso nos possibilita realçar o encontro entre os opostos, como os versos de Ferreira Gullar (2017) nos ajudam a refletir: “uma parte de mim pesa e pondera, outra parte delira [...] Será arte?”. O encontro entre a razão e o sensível nos aproxima do conceito de ética da estética de Michel Maffesoli (1996) e alimenta nosso olhar para observarmos os fluxos das ideografias da sociedade em rede e sua revolução semiótica.

A dimensão estética (*aisthesis*) fala-nos de um sentir comum, vivido e de emoções compartilhadas, que se difrata nas diversas instâncias e relações da vida cotidiana. A ética,

diferente da moral na sua universalidade, “é particular, às vezes momentânea, funda uma comunidade e elabora-se a partir de um território dado, seja ele real ou simbólico.” (Maffesoli, 1996, p. 16). Daí porque a estética (re)liga-se à ética e constituem juntas espaços de saber coletivos e antropológicos.

No campo da estética, Jacques Rancière (2009) contribui ao compreender a partilha do sensível como o regime que define o que pode ser visto, dito e pensado em uma determinada ordem social. Para o autor, “a partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função do que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (Rancière, 2009, p. 16). A estética, nesse sentido, não se restringe à arte, mas constitui um campo político de distribuição de lugares, vozes e visibilidades.

Assim, a circulação do saber apresenta-se também como uma questão estética, pois depende dos modos pelos quais os sujeitos são autorizados ou interditados no espaço do comum. A produção do conhecimento envolve, portanto, disputas simbólicas que definem quais saberes ganham visibilidade e quais permanecem marginalizados, reafirmando a necessidade de uma reflexão ética sobre os modos de partilha do sensível.

A despeito das abordagens cartográficas e relacionais do conhecer, outros autores concebem os caminhos do saber a partir de matrizes mais estruturais e normativas. Bourdieu (2004) compreende o conhecimento como produto de campos sociais relativamente autônomos, nos quais a circulação do saber é condicionada por disputas de capital simbólico. Para o autor, “o campo científico é um universo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (Bourdieu, 2004, p. 21). De modo semelhante, Habermas (2012) sustenta que o saber deve orientar-se por uma racionalidade comunicativa fundada no consenso intersubjetivo e na força do melhor argumento (Habermas, 2012).

Essas perspectivas tensionam o debate epistemológico ao evidenciar que os caminhos do saber oscilam entre abertura e regulação, invenção e normatividade. A cartografia do conhecer, longe de se opor frontalmente a essas concepções, permite compreendê-las criticamente, reconhecendo que a produção do conhecimento ocorre no entrecruzamento de forças instituintes, disputas simbólicas e processos de criação do comum.

Finalmente, podemos afirmar que pensar uma cartografia do conhecer entranhada à circulação e à partilha ética da estética implica assumir o conhecimento como prática viva, situada e compartilhada. Trata-se de reconhecer que todo saber é atravessado por dimensões éticas, políticas e estéticas, exigindo responsabilidade coletiva na sua produção e difusão. Nesse

horizonte, a ética da estética não busca consensos totalizantes, mas promove espaços de escuta, pluralidade e coabitação do diverso, nos quais o conhecimento se afirma como experiência de relação, criação e compromisso com o comum.

## 2. ATO I – ONDE NASCE O CONHECER: A MENTE, O SIGNO E A TRAVESSIA

No sistema de representação do conhecimento, as sextilhas do Ato I dão corporeidade à tríade consciência, inteligência e aprender, versejadas no encontro, sobretudo, entre Peirce, Maturana e Turing. Nesse sistema, em um cenário multirreferencial, descortina-se um diálogo em que a semiótica, a biologia e a matemática trazem camadas para refletirmos sobre a gênese do conhecer na nossa existência oxigenada por um olhar *Sankofa* - sistema visual *Adinkra*<sup>11</sup>.

Voltar e pegar o que ficou no passado para seguir no presente, transitando da consciência ao algoritmo, implica compreender que, desde a nossa primeira morada nas cavernas, “conhecer é ser no mundo”, seja no fazer cotidiano ou em modelo-teórico matemático criado antes do advento do computador e da internet - que simulou a lógica algorítmica. Girar com o mundo, transformar sem dicotomizar mente, corpo, pensamento, ética, estética, razão e emoção.

Trata-se de caminhar com o terceiro incluído, abrindo-se para olhar o mundo perspectivado na polilógica. Essa lente nos permite romper com a racionalidade acadêmica

|                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| No terreiro da existência,<br>No silêncio da criação,<br>Brotam três velhos companheiros<br>Que comandam o coração:<br>Consciência, Inteligência e Aprender,<br>A tríade que faz o mundo florescer<br>E alumia a escuridão. | Mas o saber quer caminhar,<br>Expandir sua morada.<br>Da boca que narra histórias<br>À mão que deixa anotada,<br>A escrita nasce valente,<br>Transformando a mente da gente<br>Numa máquina encantada. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

<sup>11</sup> Símbolos visuais com traços ideográficos que expressam ideias e traduzem provérbios, de origem dos povos Akan, sobretudo associado aos Ashanti de Gana, na literatura.

Lá vem Peirce com sua tocha,  
Mostrando o signo e seu trem:  
O objeto, o interpretante  
E o sentido que vem além.  
E o Self vai tomando forma,  
Como rio que se transforma  
Na maré do ser com o que tem.

E Maturana se aproxima,  
Dizendo em tom sereno:  
“Conhecer é ser no mundo,  
É viver num gesto pleno.”  
A biologia do saber  
Nos ensina a compreender  
Que pensar é corpo terreno.

Do problema mente-corpo  
Surge a velha interrogação:  
“É a mente só pensamento  
Ou é carne em interação?”  
E na lida cotidiana,  
Toda atividade humana  
É tecida em cognição.

Pictogramas, ideogramas,  
Alfabetos a se inventar.  
Da pedra ao tablete, da pena ao  
teclado,  
Cada traço a nos guiar.  
E a ciência chega ligeira,  
Com matemática altaneira,  
A lógica a formalizar.  
  
Daí surge Turing, o sábio,  
Com a máquina a imaginar:  
Um modelo feito de ideias,  
Capaz até de calcular.  
E Wiener, Shannon, com destreza,  
Criam nova fortaleza:  
A informação a pulsar.  
  
E assim termina o primeiro ato,  
Com o saber se transformando:  
Da consciência ao algoritmo,  
O mundo inteiro girando.  
Na paleta da criação,  
O humano e sua invenção  
Ao seu próprio rumo moldando.

E o Mundo transformando

### 3. ATO II – A GRANDE CIRCULAÇÃO: QUANDO O SABER VIRA MUNDO

Como o entendimento crítico e a compreensão de significados transformam-se no saber que se propaga pelo mundo? De que maneira o diálogo entre os saberes empíricos e acadêmicos, mediado pelas ideografias contemporâneas, contribui para construção e difusão do conhecimento?

Não se trata apenas de compreender o sistema de escrita em que os signos, na representação direta, apresentam conceitos ou ideias. Ao analisar como o saber vira mundo, propomos um olhar que compreenda os sistemas de escrita desde a representação cuneiforme às linguagens de programação, baseado não só nos saberes acadêmicos, mas na reflexão e na experiência. Cantamos em verso e prosa as ideografias digitais e algorítmicas que reconfiguram os processos de difusão e validação do conhecimento.

Partimos da ideia da grande circulação do saber e da cultura pela arena dialógica e pelos saberes como sistemas simbólicos. Como nas histórias do folclore nordestino, repletas de amor e religiosidade, nos aventuramos nos gêneros do discurso (Bakhtin, 1997) e nas teias de significado dos saberes locais (Geertz, 1999). Na rima das tecnologias de difusão em massa, narramos a história sem a viola na mão, mas com a prensa de Gutenberg, que deu início aos primeiros passos do rádio e da televisão. Pensamos no ritmo da rede e da hipertextualidade, cantando o desejo de ruptura da linearidade do conhecimento. Declamamos a cultura da conexão e a sociedade em rede (Castells, 2002), analisando a arquitetura das plataformas (redes sociais, buscadores). Por fim, como o saber suspenso dos folhetos que abordam questões sociais, analisamos o papel dos algoritmos na seleção, hierarquização e personalização da informação, à luz do capitalismo de vigilância e da política dos dados (Zuboff, 2021).

Aprofundaremos melhor as nossas reflexões, desdobrando mais alguns conceitos que embasaram nossas sátiras. O gênero do discurso de Bakhtin (1997), compreende uma linguagem dialógica, ancorada nos encontros e respostas. Para o autor, uma fala ou texto organizado para passar uma ideia nunca é neutra ou isolada. É nesse encontro e desencontros de vozes, ideias e pensamentos que Geertz (1999) define como teias de significado: redes de significados que nós mesmos criamos. Essa teia simbólica que tecemos, utiliza regras, símbolos e significados, nossas próprias verdades. Assim, de acordo com a afirmação, interpretamos o modo como uma cultura significa e expressa a si mesma em seu cotidiano.

10

Com a sociedade em rede, como nos alerta Castells (2002), entendemos que as tecnologias da informação não apenas facilitam a comunicação, mas reestruturam a própria base material e cultural da sociedade, impondo a lógica do mundo conectado e urgente. Nessa disputa algorítmica, o saber e a cultura esbarram no capitalismo de vigilância advertido por Zuboff (2021). Um código vivo que rastreia e modula os nossos passos digitais e, conseqüentemente, nossos afetos. A autora nos sugere uma lupa de aumento para visualizarmos a situação atual, como sistemas políticos de extração e modulação de comportamento que transformam a experiência humana em matéria-prima para o mercado de dados.

No fio do cordel contemporâneo, orientado por lógicas algorítmicas, buscamos, na consciência e na reflexão, a difusão e a circulação do conhecimento, momento em que entendemos como o saber vira mundo.

Nos versos deste enredo,  
Surge uma dupla a dialogar:  
Linguagem e Saberes juntos,  
Há de se entrelaçar.  
Pois falar é viver cultura,  
E cultura é a tessitura  
Que nos permite ressignificar.

Num sopro, nasce as ideias de um cabra  
inovador,  
chamado Gutenberg,  
E a prensa chega ao cenário.  
Papel, tinta e tipografia  
Inventam o maquinário.

O saber rompe o padrão,  
Corre mundo, vai na mão  
Do leitor diário ao tecelão visionário.  
Depois o rádio e a TV,  
Num estrondo de modernidade,  
Criam vozes hegemônicas  
Que moldam a cidade.

E o povo aprende sem notar  
Que até sua forma de olhar  
Vem de outra autoridade.

Mas eis que a rede aparece,  
Trançando fio a fio a conexão.  
O hipertexto quebra a linha,  
Faz da leitura explosão.  
Castells observa ao lado  
O sujeito interligado  
Num mar de informação

Neste meio tempo surge Bakhtin a anunciar:  
“A palavra é sempre encontro

Neste meio tempo surge Bakhtin a  
anunciar:  
“A palavra é sempre encontro.

Ninguém fala no deserto,  
O discurso tem seu conto.”  
E Geertz, com fios de vida,  
Trança a teia compartilhada  
Que sustenta todo ponto nesta grande  
encruzilhada do saber.

E as plataformas dominam  
A arena de todo dizer:  
Arquiteturas invisíveis  
Que escolhem o que vamos ver.  
Entre curtidas, buscas, likes,  
Os algoritmos fazem strikes  
No modo de perceber.

E surge a crítica certa  
Do capitalismo da vigilância:  
Zuboff mostra que os dados  
Regem nossa ambulância.  
O que clicamos, desejamos,  
Até o que nem imaginamos  
Vira lucro e governança.

E no fim,  
A lição fica:  
O saber circula no mundo,  
Mas nunca é coisa pura.  
O que chega à mão da gente  
Tem sempre um filtro presente  
Que molda nossa leitura.

E agora passo a palavra,  
Pois é a turma quem vai dizer:  
A consciência é ponto de partida  
Ou é fruto do interpretar e viver?  
Respondam no chat essa questão,  
Pra juntos fazermos aprender com a  
reflexão.

#### 4. ATO III – A ERA DO CÓDIGO VIVO: O HUMANO EM RECONFIGURAÇÃO

Nos limiares da contemporaneidade, a relação entre o humano e o digital assume novas configurações cognitivas, éticas e sociais. As ideografias dinâmicas, enquanto expressões simbólicas da era informacional, reconfiguram os modos de pensar, agir e interagir. O “código vivo” que permeia os sistemas algorítmicos não apenas representa o mundo, mas o constitui,

produzindo subjetividades e mediando as experiências humanas por meio de linguagens técnicas e interfaces inteligentes. Nesse contexto, a cognição deixa de ser um fenômeno exclusivamente individual e passa a emergir de ecologias híbridas, formadas pela interdependência entre humanos e máquinas.

É nesse cenário que se desenrola o presente ato. Inspiradas em Vygotsky (ano) e Lévy (ano), exploramos as implicações da mediação tecnológica nos processos de construção do conhecimento e da consciência. Os códigos, ao se tornarem estruturas vivas de significação, instauram um novo paradigma da experiência: o da governamentalidade algorítmica, em que poder e saber se entrelaçam na tessitura da vida digital. A reflexão cordelista que se segue busca tensionar os limites entre criação e automação, entre ética e controle, convocando o leitor a pensar o humano em sua contínua reconfiguração.

Eis que num mundo todo animado  
Por ideografias dinâmicas,  
Código aqui, lá e ao acolá.  
E Vygotsky que nos faz lembra:  
“Ferramentas fazem o vir-a-ser,  
Movem o homem encarnado.”

Lévy não quer se calar

E com sua força voraz vem complementar:  
“A inteligência é coletiva.”  
Cada tela, cada sistema  
É parte da mesma vida.  
Ecologias de pensamento  
Soprando como vento  
Numa dança compartilhada.

Nesta complexa relação homem-rede

Conhecimento e poder,

Um tal de algoritmos ousa-se aparecer  
Toma forma e autoridade:  
Terce a Governamentalidade,  
Nova face da sociedade.  
Foucault, revisto em circuito,

E os vieses, como espelhos,  
Reproduzem desigualdade.  
Preconceitos viram códigos  
Com assustadora lealdade.  
Da ética surge o clamor:  
Transparência, justiça e valor!”  
E para salvar a humanidade.

O que há de surgir?

É na mente humana se dobra  
À mediação maquínica:  
Atenção, memória, sentido  
Tramam a trilha algorítmica.  
Entre ajuda e confusão,  
Nasce uma inteligência artificial em  
multidão  
Com potência gigantesca.

Ah, mas o futuro é incerto,  
E o mundo está a mudar:  
Com IA generativa,  
Quem cria, quem pode criar?  
A verdade se embaralha,  
A autoria vira batalha  
E o tempo parece girar.

Mostra o corpo submetido  
À máquina da modernidade.

No final desse grande drama,  
Fica a pergunta no chão:  
Como seguir adiante  
Com saber, ética e ação?  
Pois o humano se refaz  
Em cada invenção que traz  
Nova forma de percepção,

Eis a provocação.

## 5. EPÍLOGO – AS CONFLUÊNCIAS DAS TRADIÇÕES E DO FUTURO

Para fechar esse ciclo do aprender, ao saudar saberes ancestrais e projetar o amanhã, nos versos o conhecimento é reafirmado como um modo de viver coletivo, em que a ideografia é um caminho percorrido em conjunto e a intelecto-pluralidade, de Bárbara Carine (2025), orienta a compreensão da rede que tece o mundo. Ao evocar o "Futurível" de Gilberto Gil (1969) e questionar a neutralidade axiológica entre signos e códigos, o texto convida o leitor a enxergar o pensamento como uma arte e um tesouro a ser lapidado diante das rápidas transformações tecnológicas

13

Dessa saga do aprender,  
Mostrando que o conhecimento  
É sempre modo de viver.  
Que a ideografia é um caminho,  
E que ninguém caminha sozinho  
Mais que o saber faz crescer.  
Quem entrar nessa trilha  
Da Bárbara Carine há de se lembrar:  
E com a intelecto-pluralidade  
Vai poder se conectar  
Com a necessidade de compreender  
Que a rede se faz a tecer  
E o mundo a representar.

Pois pensar é arte  
E toda teoria  
É um tesouro a se lapidar

Entre signos, redes e códigos,  
No saber que vive e se faz e refaz,  
Pensamos mente, cultura e máquina  
Neutralidade axiológica há??

No amanhã que chega veloz,  
Pra abrir estrada ao pensamento algoz,  
Convido vocês viajar com Gilberto Gil  
No seu Futurível, cósmico e tecnológico  
lar.  
E sentir o futuro por detrás soprar

## 6. POSFÁCIO: A PERGUNTA QUE CUTUCA O PENSAR

Na travessia do itinerário formativo, os desenhos dessa cartografia vão aos poucos modelando historicamente o modo diverso do conhecer humano. Seguimos linhas de um rizoma que se espraia da consciência ao algoritmo e nos levam aos nós (des)atados da experiência coletiva de pertencimento pelos saberes que se reatualizam no fazer e pensar de um respirar juntos, da não absolutização de saberes e a confluência do fenômeno do conhecimento como um processo de devir como cantam os versos desse cordel e no seu posfácio.

O tempo ganha circularidade e a travessia a forma espiralada. As cortinas parecem que começam a cerrar-se. Mas, esperem...Ainda estamos no meio! Sigamos porque nesse itinerário formativo as noções de consciência ainda estão por vir na epifania dos versos do cordel.

Assim se fecha o cordel

Desta travessia a tecer;

Da Consciência ao Algoritmo,

Do árido ao florescer.

E com Nêgo Bispo aprendemos

Que o saber é também pertencer.

Será que a consciência é farol

Nascido antes de todo saber?

Ou será luz construída aos poucos,

No gesto de interpretar o viver?

Será ela causa ou resultado

Do mundo que aprendemos a tecer?

Talvez não seja raiz do ato,

Nem fonte pura do perceber;

Quem sabe é trama provisória,

Feita de signos a se entrever,

Um reflexo das interpretações

Que pausamos as nossas lidas conhecer

Uma reflexão a partir de uma questão proposta a um grupo gerou um texto colaborativo polifônico em que cabe, na sua leitura e organização, uma entonação (e pontuação) que o reedita. A produção colaborativa foi pensada nos rastros do ‘esqueleto esquisito’, que é uma técnica de escrita coletiva proposta pelo movimento dadaísta, vanguarda artística modernistas pós 1ª Guerra Mundial, como um ato de cocriação no contexto de descrenças e questionamentos da arte, da filosofia, da ciência etc.

## 6.1 Esqueleto esquisito

Vamos a questão!

**Será que a consciência deve ser compreendida não como a origem dos nossos atos mentais, mas como o resultado provisório de uma estrutura interpretativa?**

A consciência é uma presença humana que nos coloca em movimento de ser/sendo... constituir/constituindo... ter consciência é existir socialmente. A consciência é a nossa faculdade que nos permite perceber, inteligentemente, a realidade e viver segundo esta percepção: celebrando a impermanência das coisas, amadurecendo a cada momento.

É o resultado de uma estrutura interpretativa... resultado provisório. Sim, resultado provisório do devir! interpretação com/a/ciência do ato...

A consciência é o que antecede... Um a priori do viver.

Entendemos a consciência como uma dimensão dinâmica e em movimento, que inclui não apenas nossos atos mentais, mas também nossa multidimensionalidade. A consciência é a nossa faculdade que nos permite perceber, inteligentemente, a realidade e viver segundo esta percepção. É nos tornamos conscientes das nossas ações!

Pensamos que a consciência deve ser entendida menos como a origem dos atos mentais e mais como um produto provisório de processos interpretativos. O que chamamos de "consciência" emerge da atividade contínua de interpretação de sinais (internos e externos) que o organismo realiza para se orientar no mundo. A consciência não é um ponto de partida absoluto... é um efeito (situado) instável e dependente da rede de significações em jogo. Ela aparece como uma configuração momentânea produzida por essa dinâmica interpretativa, não como sua causa primeira.

A consciência é mais um relato editado que o nosso cérebro faz de processos em desenvolvimento do que a origem desses. Potência de roteirização! A consciência é a narrativa

provisória e coerente que o cérebro cria, para interpretar e justificar decisões tomadas por processos inconscientes. Agora, inconsciente é outra coisa. É do inconsciente que temos medo!

Não somos donos de uma consciência prévia que pensa, somos a narrativa em curso que esses sistemas produzem e reinterpretam a cada momento. Sim! A consciência é resultado das interações e interpretações destas interações.

## 7. A TRAVESSIA

Este artigo tem como lugar de nascença o componente curricular Sistemas de Representação do Conhecimento, semestre 2025.2, do programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC UFBA-IFBA-UNEB). Cabia-nos, um grupo formado por sete mulheres doutorandas do programa, que assumem aqui a dimensão de sujeitos da formação e pesquisadoras do próprio processo, construir um seminário, de quarenta minutos, que sintetizasse os estudos de um semestre, trilhado por outros quinze seminários de densidade temática. O décimo sexto – o derradeiro – era mais um que iríamos apresentar em uma turma de 56 discentes, que formaram oito grupos (subsistemas).

O contexto da pesquisa se faz em um território de aprendizagem digital e remoto que podemos nomear como uma sala de aula estendida, que compreende os momentos de aula, 4 horas por semana, os encontros de estudos do grupo e os intermináveis diálogos via *whatsapp*. Nos interessa aqui, sobretudo, revisitar o processo vivido por nós, sete mulheres<sup>12</sup>, no contexto de um itinerário formativo de um grupo (de número 8) para a construção de um seminário síntese que dá corpo a este artigo. Entendemos que o refletir sobre a própria experiência individual e coletivamente é *per si* um processo de conhecimento e autoconhecimento, de formação e autoformação e, portanto, de consciência de si – nas dimensões do saber-fazer-pensar, do outro e do mundo.

O objetivo de refletir acerca dos sistemas de representação do conhecimento a partir do imbricamento do conhecer, da circulação e da partilha ética da estética das ideografias contemporâneas delineia a investigação de natureza qualitativa e sugeriu que os procedimentos metodológicos de pesquisa se fundamentassem nas bases teórico-empíricas da pesquisa-formação (auto)biográfica e da cartografia.

---

<sup>12</sup> Nosso grupo se formou pelos afetos e confiança já experimentados anteriormente no espaço acadêmico do doutorado. Todas advindas e atuantes da área de educação: pedagogas, licenciadas em Artes Visuais e Letras e administradora.

A pesquisa-formação autobiográfica (Josso, 2004) é uma abordagem voltada para a nossa condição humana e que se faz das experiências de histórias vividas. O processo de convivência com o grupo por mais de 13 semanas, pela sua própria complexidade, não poderia ser despido da trajetória pessoal, acadêmica e profissional de cada uma de nós. Esses percursos constituem uma gnosiologia encarnada e situada, na qual a origem e a validação do conhecimento derivam da própria experiência vivida. No fazer discente/pesquisador, o conhecer emergiu do entrelaçamento contínuo entre o saber-fazer-sentir-pensar e as nossas histórias de vida, referenciando uma retomada de posição na investigação.

A pesquisa-formação, ao focalizar o sentido e a autoria, nos possibilita dar legitimidade “à mobilização da subjetividade como modo de produção do saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentido para os autores do relato” (Josso, 2004, p. 32). O caráter (auto)biográfico dessa abordagem é um caminho para perceber como a formação se processa à medida que relatamos o nosso fazer discente/pesquisador, descrevemos os processos experienciados e interrogamos as representações do vivido e do observado, para compreendermos aspectos centrais nas categorias do conhecer, da circulação e da partilha ética da estética.

No processo de observar, revisitar, recordar e refletir através do caminho (auto)biográfico da experiência formadora articulamos à cartografia, enquanto procedimento metodológico, na forma de seguir o fluxo do processo, e como postura e posicionamento epistemológico diante do que significa conhecer.

O método da cartografia nos possibilitou conectar ideias e sentidos em nosso processo de modelagem do seminário, que compreendeu uma ação intervencionista naquele espaço acadêmico. Dialogamos com Suely Rolnik (2014), pelo seu entendimento da cartografia como um ato antropofágico, que se faz entre um desmanchar e formar mundos nas suas perdas e construções de sentidos.

Expericiamos “devorar” teorias acadêmico-científicas nos três eixos dos sistemas de representação do conhecimento propostos pela disciplina e transduzimos para a linguagem do cordel. Segundo Rolnik, o cartógrafo tem como tarefa “dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.” (2014, p. 23). Sob essa perspectiva, o cordel foi a

“língua” capaz de comunicar pelas vias do sensível a complexidade temática cartografada para dar corpo ao seminário final (de número 16).

Destacamos duas etapas imbricadas no processo metodológico: a análise documental do componente curricular e a cartografia para a modelagem do seminário síntese, as quais passamos a descrever. Antes, porém, ressaltamos que utilizamos da pesquisa bibliográfica, a qual nos limitamos aqui a citar, para os estudos das temáticas propostas nos três blocos da disciplina, o que nos possibilitou transduzir o arcabouço teórico científico para a poética do cordel. As fontes de pesquisa abrangeram tanto as referências do plano da disciplina quanto aquelas trazidas de nossas próprias caminhadas acadêmicas.

O corpus da pesquisa, então, constituiu-se pela articulação de três fontes fundamentais: a) a análise documental dos materiais institucionais do componente (plano de curso, ementa e referenciais); b) o nosso Diário de Bordo Digital, gestado no aplicativo *WhatsApp*; e c) as memórias revisitadas e registradas e os rascunhos de roteiros elaborados durante cinco reuniões síncronas de planejamento (realizadas às segundas-feiras à noite).

Na primeira etapa, mapeamos os conteúdos dos documentos disponibilizados pelos docentes – plano de curso e abordagem metodológica do formato de estudos, buscando as conexões entre as ementas e objetivos dos três blocos temáticos propostos e construímos um mapa conceitual. Posteriormente, os documentos foram analisados à luz das categorias conhecer e circulação, as quais se explicitam na disciplina pelas ideias de construção, difusão e socialização do conhecimento.

O plano de curso do componente curricular foi estruturado nos seguintes tópicos: ementa; objetivo geral e específicos (em número de 4); a metodologia, que propôs os atos pedagógicos desenvolvidos através de seminários; avaliação; e conteúdo programático. Esse último, subdividido em três blocos com seus respectivos conceitos basilares (constituídos por tríade e díade), conteúdos (recortes temáticos) e referências bibliográficas sugeridas. É sobre o material desses blocos e os objetivos aí engendrados que passamos a descrevê-los e analisá-los.

O bloco I – construção do conhecimento, propôs os estudos na gênese das ideografias norteados na tríade consciência, inteligência e aprendizagem, cujo intento se concentrou na compreensão do conceito e evolução histórica da ideografia – da escrita cuneiforme às linguagens de programação. Tal intento, foi trilhado por cinco recortes temáticos que envolveram os fundamentos do conhecer, os processos da oralidade à escrita, os sistemas de notação e abstração, as ideografias da ciência e a emergência da ideografia algorítmica.

O bloco II – de difusão do conhecimento, ao evidenciar a ideia de circulação das ideografias compôs um processo dinâmico de trocas, através da díade linguagem e saber. Para tanto, as trilhas são percorridas pelos fundamentos da mediação e interação, tecnologia de difusão em massa, a rede e a hipertextualidade, a plataformização da difusão, curadoria algorítmica e capitalismo de vigilância. O conhecimento ao circular se reatualiza e se produz a partir das apropriações dos locais e das experiências do indivíduo e do coletivo. Ao mesmo tempo, indagamos, considerando, sobretudo, a imersão algorítmica: como circula, com que intenção, que discursos modula, para quem se dirige?

Entre os objetivos específicos do documento analisado, o mais articulado ao bloco II diz respeito à necessidade de investigação de “como as ideografias digitais e algorítmicas configuram os processos de difusão e validação do conhecimento”. (Documento – Plano de Curso), embora compreendamos que ele não espelha a amplitude dos inúmeros veios e linhas na cartografia desse itinerário formativo.

Quando chegamos ao bloco III, da socialização do conhecimento, as conexões potenciais anteriores tornaram a travessia mais densa, por evidenciar e expor as fissuras éticas e as relações de poder da hegemonia da ideografia algorítmica<sup>13</sup>, que constituiu o foco desse bloco. Ao mesmo tempo foi possível escutar nos debates em aula sobre uma perspectiva de humanidade latente dos algoritmos – justificada em algo que advém da elaboração humana (O'Neil, 2020), isso entoa desafinado, se considerarmos a vigilância e manipulação cotidiana a que somos submetidos no processo de mediação algorítmica na contemporaneidade. Nossos dados e experiências escoam em profusão pelas redes operadas por um conjunto lógico finito que executam instruções, com passos elementares. Uma simples pesquisa, uma palavra digitada ou pronunciada já nos trará inundações de propagandas e perfis.

Percorremos o bloco III na díade das ideografias dinâmicas e do sociointeracionismo, debatendo acerca dos impactos e das “consequências socioculturais da hegemonia das ideografias computacionais” (Documento plano de curso) e evidenciando as questões de poder, ética e transformações do humano. Os recortes temáticos de cada seminário para os debates atravessaram (1) os fundamentos da mediação e interação, em uma perspectiva semiótica das ideografias na relação ser humano e mundo; (2) a governamentalidade algorítmica, com um

---

<sup>13</sup> Cabe ressaltar que os algoritmos são antigos, datam dos babilônios; no entanto, são os computadores os responsáveis pelo seu realce, cuja primeira reunião entre máquina e algoritmo ocorreu quando a primeira foi concebida pelo matemático Alan Turing, em 1936.

olhar através das lentes do biopoder (foucaultiano) na gestão e modulação de comportamentos; (3) os vieses da representação, a partir de uma análise crítica dos preconceitos sociais, agora exponencialmente acionados na automatização dos modelos algorítmicos; (4) a reconfiguração do humano refletida nos estudos das funções psicológicas superiores como sistema dinâmico, com ênfase nos processos de mediação sócio-histórico de transformação do ser humano e do contexto social aliado aos dilemas da inteligência coletiva; e (5) crises e futuros da representação, as (des)potências entre a IA generativa e as questões sobre verdade, autoria e criação.

Foi possível analisar, a partir do mapa conceitual, a articulação dos três blocos em seus objetivos específicos, conceitos basilares e recortes temáticos, evidenciando que as categorias conhecer e circulação possibilitam o imbricamento desses conteúdos, tanto do ponto de vista teórico-histórico que os constituem quanto por uma coexistência compartilhada em sistemas de representação do conhecimento produzidos na perspectiva multirreferencial. Nesse movimento, o estudo sobre a gênese das ideografias (bloco I) ganha densidade crítica à medida que a reflexão avança sobre a circulação nas mídias (bloco II) e revela as diversas camadas nas disputas de poder, na governamentalidade e nos processos de modulação da era algorítmica (bloco III). Tratou-se de uma travessia formativa alimentada por diversas matizes epistemológicas nos campos da semiótica, filosofia, biologia, matemática, cultura cibernética, tecnologia, sociologia, comunicação e arte, entre outros.

20

A análise documental revelou que o conhecer e a circulação é um processo que se retroalimenta. O que significa dizer que a construção do conhecimento se produz e se tensiona na própria circulação, tanto na arquitetura do componente curricular quanto no processo de aprendizagem e, por conseguinte, de auto e hetero formação.

Na segunda etapa, para trilhar o percurso cartográfico de modelagem do seminário-síntese, o dispositivo do Diário de Bordo Digital (*WhatsApp*) revelou-se central. Criado no início do semestre, o grupo de *WhatsApp*, tornou-se um fértil dispositivo de pesquisa e alimento do processo de criação, favorecendo a itinerância cartográfica. Nesse espaço, circularam mensagens de texto, áudios explicativos, esquemas visuais, além de nossos silêncios, divergências, tensões, risos e costuras finais. Observando o movimento do grupo nesse ambiente podemos inferir que se assemelhou aos bastidores de um teatro, no qual nos revezamos em diferentes papéis para construir coletivamente o seminário a ser partilhado. Esse

lócus constituiu-se, simultaneamente, como campo de investigação e espaço de formação reflexivo que provocou uma tomada de consciência do porquê e do como na investigação.

O acervo reunia textos verbais e não verbais, mensagens de áudio e texto, anotações de estudo, ideias e propostas de criação registrados ao longo de 13 semanas, que somavam 38,1 MB e 143 mídias, links e documentos. Primeiro mapeamos esse material seguindo os fluxos que o vinculavam às três categorias de análise: conhecer, circulação e partilha ética da estética. Após esse mapeamento, avançamos para a dimensão (auto)biográfica do processo, exercitando uma escuta sensível e uma reflexão crítica sobre nossas vivências e afecções.

Nos inquietava o como construir uma síntese de toda a complexidade analisada nos três blocos estudados. Foi consenso que não queríamos mais o modelo de seminário tradicional, como vinha sendo apresentado nos encontros da disciplina. Como éramos sete, cada uma só falaria cinco minutos. Estudávamos muitos autores e depois a estética minimalista dava o tom, equilibrando *Cronos* e *Kairós*, o tempo cronológico e o instante significativo.

Outro consenso foi o de que usaríamos metodologias ativas, trazer provocações e envolver a turma. Organizamos para que cada uma apresentasse um desenho preliminar dos conteúdos a ser priorizado e a forma em que se estruturaria a apresentação do seminário em si. A bricolagem começava a nascer e a arte parecia ser o caminho. A proposta, então, foi produzir um seminário em “atos” para compor uma cartografia-síntese da nossa caminhada. Começamos a elaborar um roteiro de cena, sem nos darmos conta que ali estava aninhando-se o nascedouro do cordel. A primeira etapa e o próprio percurso pelos seminários anteriores apontaram os conceitos, conteúdos e autores mais significativos e relevantes para uma síntese formativa. Organizamos esses apontamentos em lâminas do programa *canva* com um primeiro esqueleto e cada uma das discentes/pesquisadoras deveria ir fazendo considerações e adicionando tópicos com textos verbais e não verbais.

O roteiro preliminar propunha três atos.

O 1º ato – Prólogo: com uma travessia pelos blocos, pinçando a semiótica, a cibernética e a filosofia da tecnologia, com foco no sistema vivenciado, onde a leveza, ironia e o risível seriam a tônica.

O 2º ato – Entremeio: inspirado na sala invertida, apresentava um momento de pré reflexão (sensação/experiência), com dispositivos artísticos que agenciariam uma questão chave (provocadora); e outro momento de reflexão, com apresentação de breves conceitos estruturantes e o desdobramento na construção de um texto colaborativo dadaísta, denominado

posfácio) elementos analíticos. O texto, uma síntese da própria itinerância, foi apresentado no final e consta neste artigo.

O 3º Ato – Considerações Transitórias: o foco propunha a atualidade e as perspectivas futuras frente à hegemonia algorítmica nos processos de mediação da vida, tencionando as desigualdades e a reconfiguração do humano. Algumas questões nos inquietavam e ainda continuam a inquietar. Para onde apontam as ideografias contemporâneas? Os fossos das desigualdades na produção, construção e socialização dos conhecimentos se alargarão? Que humanidade dos humanos está sendo reconfigurada?

Foi a partir desses atos e, mais especificamente, do desdobramento do 2º ato em mais 3 atos que dialogavam com os três blocos do Sistema de Representação do Conhecimento que o cordel foi operacionalizado como um dispositivo de expressão e de síntese do percurso formativo e, sobretudo, se consolidou uma estratégia de transdução<sup>14</sup> (Burnham, 2012).

O processo ocorreu de forma colaborativa e artesanal, a partir do roteiro verbal e não verbal gestado pelo grupo. Os conceitos centrais dos três blocos e as memórias registradas em nosso diário de bordo digital foram alinhavados coletivamente. Nesse movimento, a maestria de uma cordelista integrante do nosso grupo assumiu a figura central para transformar esse roteiro em linguagem de cordel, traduzindo densidade conceitual em métrica e rima. As estrofes foram posteriormente revisadas, afinadas e validadas por todas as sete integrantes, assegurando que os três eixos estivessem contemplados nos versos do cordel.

22

No fazer das rimas dos versos em sextilhas já mergulhávamos em uma partilha ética da estética, tornando o saber acadêmico mais fluido e integrador, reunindo ciência e linguagem popular e permitindo uma viagem transcultural nos fios do conhecimento. As reflexões críticas foram construídas em um movimentar-se contra-hegemonicamente, semeado no percurso de um sistema formado por cinquenta e nove sujeitos (falamos do próprio componente curricular), possibilitando-nos questionar e observar as diversas camadas do viver algorítmico de manipulação, de vigilância e de mercado que nos afetam cotidianamente.

Olhando para trás todo caminho percorrido pelo grupo desde a sua formação até o presente, quando olhamos para o passado e escrevemos esse texto, compreendemos que vivemos

---

<sup>14</sup> Transdução, do latim *trans* (além de, através de) e *ductio* (ação de conduzir) – conduzir ou converter algo de um estado para outro, é um termo utilizado em diversos campos com significados específicos. O conceito de transdução em Terezinha Burnham (2012) diz respeito tanto a um processo de conversão do conhecimento entre distintas formas de representação e linguagens, quanto o deslocamento desse conteúdo entre diferentes sistemas e territórios de produção do saber.

com intensidade a terceira categoria de partilha ética da estética, de fato, como um respirar coletivo, inclusive quando encenamos o cordel no momento derradeiro. No fazer da e na arte há quem participa do seu processo de criação, vê a forma nascer das suas mãos transformando uma matéria e transformando-se em ideia de práxis. E há aqueles que ao entrar em contato com o artefato cultural o reatualizam e o recriam pelas identificações e seus lugares de sujeito da experiência. Esse é um movimento de partilha ética da estética em que o conhecimento circula e é também gerado. As três categorias podem ser interpretadas como inseparáveis na sua própria dinâmica implicada no saber-fazer- sentir- pensar.

E a itinerância formativa no seu seminário derradeiro cerrou as cortinas do curso em linguagem de cordel. Somos sete mulheres que juntas investigamos, ousamos, transformamos, tencionamos nos espaços intervalares dos sistemas de representação do conhecimento com o olhar antropofágico, crítico, reflexivo e criativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de fazermos nossa travessia entre versos e rimas do cordel, pelos textos não verbais agenciados e pelas linhas do ‘esqueleto esquisito’, chegamos a um momento de tecermos nossas considerações finais (ainda que provisórias), porque acreditamos que há muitas conexões em um caminhar cartográfico multirreferencial e que as nossas dizem respeito a um tempo, espaço e contexto específicos.

As reflexões propostas sobre sistemas de representação do conhecimento, nestes estudos, estão centradas no olhar crítico sobre as ideografias contemporâneas, elucidando para a necessária indissociabilidade entre ética, política e cognição, no âmbito de sua gênese, circulação e hegemonia, ressaltada, sobretudo, por um cenário de tensões em uma sociedade econômica e socialmente desigual e imersa em um capitalismo de vigilância (Zuboff, 2021).

Mantemos o olhar crítico sobre como a hegemonia algorítmica e o capitalismo de vigilância, que transformam a experiência humana em matéria-prima, operando por meio de algoritmos que selecionam, hierarquizam e personalizam a informação. São das entranhas e dos paradoxos da hegemonia algorítmica, constituidora da mediação nos processos semióticos da contemporaneidade que a nossa atenção se voltou para perscrutar também o seu espaço intervalar.

Não podemos esquecer que a hegemonia gramsciana se constitui nas formas de direção e de dominação. Essa "governamentalidade" algorítmica exige um compromisso com a

transparência e a justiça, visando mitigar os vieses que reproduzem desigualdades. O que significou analisarmos o que emerge entre a inclusão e exclusão, nesse controle pelas *big techs* das experiências humanas como matéria prima para a produção de comportamentos e o processo de construção da linguagem (em uma perspectiva sociointeracionista), mediadora do pensamento e do devir da consciência do ser humano.

Nesse contexto, depreendemos a consciência como processo e narrativa e não como um ponto de partida absoluto ou uma "fonte pura", mas como um resultado provisório de uma estrutura interpretativa. Ela emerge como uma narrativa coerente que o cérebro cria para justificar processos e interações já em curso, sendo, portanto, um efeito situado e instável da rede de significações.

Diante do percurso cartográfico traçado, observamos que o estudo das ideografias contemporâneas não se limita a uma análise técnica, mas revela uma profunda indissociabilidade entre política, ética e cognição. A cartografia proposta evoca a necessidade de um "respirar coletivo", fundamentado na partilha ética da estética. Contra o "viver algorítmico" de manipulação e vigilância, propomos a ativação da inteligência coletiva e de espaços antropológicos de saber que valorizem o "fazer juntos".

Percorrendo os atos que compõem esta investigação, percebemos que a transição das notações cuneiformes para os algoritmos de Inteligência Artificial reconfigurou não apenas a circulação do saber, mas a própria essência humana. Buscamos examinar as ideografias dinâmicas e os sistemas computacionais sob a lente do sociointeracionismo, permitindo-nos enxergar que o ser humano se refaz em cada invenção.

Para encerrar essa saga do aprender, ao saudar saberes ancestrais e projetar o amanhã, o texto nos convida a enxergar o pensamento como uma arte e um tesouro a ser lapidado diante das rápidas transformações tecnológicas. Compreender a circulação do conhecimento na era digital é como navegar em um rio cujas águas são moldadas por diques invisíveis (os algoritmos); embora a corrente pareça natural, é preciso conhecer a engenharia dessas margens para que o barco da consciência não navegue apenas para onde o lucro e a vigilância desejam nos levar.

A travessia aqui realizada não se encerra, mas se abre como uma pergunta que cutuca o pensar, convidando o leitor a ser coautor de um futuro em que o saber signifique, acima de tudo, pertencer e transformar.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 12ª ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2012.
- BURNHAM, Teresinha Fróes. Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: Currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2012.
- CARINE, Bárbara. E eu, não sou intelectual? São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Vol. 1). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.
- GULLAR, Ferreira. Traduzir-se. In: GULLAR, Ferreira. Na vertigem do dia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 25.
- FOUCAULT, Michel. Segurança, Território, População. São Paulo: Martins Fonte, 2008.
- GEERTZ, Clifford. O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- GIL, Gilberto. Futurível. Intérprete: Gilberto Gil. In: GILBERTO GIL. Rio de Janeiro: Philips, 1969. 1 streaming de áudio. Disponível em: Gilberto Gil - "Futurível" - Gilberto Gil (1969). Acesso em: 31 ago. 2026
- FIALHO, Francisco. A. P. Ciências da Cognição. São Paulo: Editora EPSE, 2007.
- LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- LÉVY, P. As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LÉVY, Pierre. A Ideografia Dinâmica: rumo a uma imaginação artificial? São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. Tradução: Bertha Halpern. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MATURANA, Humberto. A Ontologia da Realidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- MORIN, Edgar (Org.). A Religião dos Saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- NOT, Louis. As Pedagogias do Conhecimento. São Paulo: Difel, 1981.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2016.

SANTAELLA, Lucia. *A Inteligência Artificial é Inteligente?* São Paulo: Edições 70, 2023.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

ZUBOFF, Shoshana. *A Era do Capitalismo de Vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca. 1ª Edição digital, 2021.